

## Olhares Convergentes na Cidade



*Priscilla Guerra Guimarães Bernardes*

Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação e Cidadania da Universidade Federal de Goiás. E-mail: priscillaguerra@hotmail.com

Organizado pelas professoras e também autoras Raquel Paiva e Simone Antoniaci Tuzzo, *Comunidade, mídia e cidade* apresenta em 12 capítulos (sendo o 13º o original em francês do Capítulo 1 que foi traduzido para o português) diversos pontos de vista sobre as cidades contemporâneas. Os textos, escritos por educadores e alunos de várias instituições, perpassam distintas perspectivas que partem de embates conceituais e práticos e alcançam até mesmo níveis econômicos, políticos e críticos da realidade urbana.

O primeiro capítulo, escrito por Henri-Pierre Jeudy, trabalha a cidade diante de suas relações de tempo e espaço, avaliando de que modo se faz e se desfaz a percepção das metamorfoses de uma cidade. Usando como pano de fundo a cidade de Paris, ele aborda o conflito instaurado a partir da construção de novas obras arquitetônicas, que mesmo aceitas pelos moradores da cidade, inicialmente provocam repulsa e rejeição devido a seu apego ao patrimônio e desconfiança em relação ao desenvolvimento e ao futuro. Para Jeudy, noções de familiaridade, apego à tradição e preservação patrimonial estão atreladas ao entendimento e sentido de cidade que os parisienses possuem, surgindo como complementar a figura comportamental definida como *bobô* (originada pelo burguês boêmio). Com esse tema, ele faz ainda uma contraposição com a cidade de Tóquio, caracterizada como genérica, sem centro, cuja lógica é inversa a Paris.

O segundo capítulo, “Sobre o coração da cidade”, redigido por Muniz Sodré, aborda o deslocamento da visão de cidade ocorrido através das erupções mercantilistas. Ele começa descrevendo o conceito de espaço urbano como local habitável e condição de sociabilidade, utilizando uma metáfora que relaciona o corpo humano às cidades, sendo nesse âmbito, a comunidade, um “laço invisível” que entrelaça todos em um coletivo, tão

essencial quanto o coração. Para ele, mesmo sendo a cidade a responsável por garantir o acesso de milhões de sujeitos à educação, à saúde, ao lazer e à diversidade ocupacional, é atualmente segregadora, que priva suas maiorias populacionais de diversos direitos adquiridos pelo próprio hábito urbano, consolidando uma desigualdade social e uma configuração individualista regida pelo consumo.

Na sequência, Raquel Paiva retrata o insuflamento urbano que alavancou o crescimento das cidades no mundo e a problemática do deslocamento. No novo contexto de “megacidades”, permeadas pelo fluxo de pessoas, mercadorias, conhecimento e dinheiro, crescem a desigualdade e a hostilidade social, fazendo que o isolamento seja a nova marca definidora dessas metrópoles. Para Paiva, as distâncias geográficas das cidades representam muitas vezes, correspondente distância humana entre pessoas que dividem a mesma cidade, sendo o uso dos automóveis um potencializador desse quadro, o que leva a necessidade de reabrir a vivência comunitária, como no uso de bicicletas.

Mohammed ElHajji descreve no texto seguinte o processo da globalização emergida da evolução das cidades. Conforme esclarece, o progresso das aglomerações urbanas trouxe inéditas possibilidades de sociabilidade e de ordenamento social e político, além de ser desde a antiguidade um sinônimo de mobilidade, criatividade intelectual e inovação tecnológica. Como berço e destino das tecnologias, a consolidação promovida por estas calçou a chegada da globalização nos territórios, que atravessados por novos meios e estruturas, acabaram por encolher as fronteiras do planeta e construir a concepção de “aldeia global”, que transformou a presença e permanência dos indivíduos no mundo, permitindo através do ciberespaço, um fluxo migratório desenhado em uma *web diaspórica*.

Francisco Rui Cádima traz à tona a observação do cenário atual, diante das novas perspectivas da internet, vinculadas à cidadania, em particular na visão voltada para as relações políticas. Segundo ele, é fato que a imprensa foi vetor indispensável para angariar avanços e participação política no curso da história, entretanto se vê em perceptível crise exposta ao excesso de informação e dos novos meios de comunicação on-line na era contemporânea. Ele traça a validade dos novos espaços de diálogo que se democratizam com a internet e afirma que as redes contribuíram para aproximar as temáticas políticas e sociais da população. Paralelo a esse quadro, o marketing político traça estratégias para lidar com as novas circunstâncias, começando inclusive a conhecer melhor seu público eleitor.

Eduardo Granja Coutinho e Marianna Araújo abordam o rap como ícone de linguagem dos guetos, aliado a formas distintas como hip hop, grafite e pichações. No texto, comentam sobre a apropriação dos ícones culturais, da música em especial, para protestar e se posicionar politicamente em prol de determinado grupo social. Ao descrever

a trajetória do rap nos Estados Unidos como berço de reivindicações dos negros, os autores traçam um paralelo com o surgimento do movimento hip hop no Brasil, apresentando as influências norte-americanas no movimento nacional que se caracterizou como um difusor da ideologia de igualdade, requerida pelas categorias marginalizadas na sociedade brasileira.

Em seu texto, Ana Carolina Temer, parte da premissa do jornalismo como elemento fundamental para a organização social nas cidades que são, em regra, espaço de convivência das diferenças humanas em várias facetas. Para Temer, o jornalismo, protagonizado especialmente pelos veículos tradicionais, é para o cidadão um vínculo com o cotidiano de seu local e dentro de seu campo de atuação junto à cidadania, como transmissor de conteúdo e formador de identidade, que passa por conflitos advindos da ascensão do meio digital como concorrente no papel de informar e influenciar a sociedade, cujo sintoma máximo de crise é a pressão pela velocidade.

De forma amplamente crítica e analítica, Simone Antoniaci Tuzzo, elabora um trabalho voltado para o entendimento da cidadania na atualidade, fundamentado nas teorias clássicas e modernas sobre o assunto para apresentar uma pesquisa executada na cidade de Goiânia. O objetivo era estudar como a cidadania é ressignificada pelo discurso midiático a partir de uma análise de discurso da mídia impressa e eletrônica. A conclusão é que a cidadania como verbete representativo dos direitos civis, sociais e políticos se perverte na concepção da sociedade e também na colocação da mídia, muitas vezes inclusive, se confundindo com assistencialismo, consumo e renda. O sentido encontrado mais próximo do descrito na mídia é o de subcidadania, como sendo prioritariamente a busca pela cidadania, logo, a sua inexistência.

Também pautando a nova realidade digital, Tiago Mainieri explica a deterioração do espaço público em razão dos espaços individuais. Para tanto, expõe que a cidade em seu novo cenário de “teias sem fio” abandona sua característica de espaço de convivência, de atos coletivos, contato e de cidade sentida. Nessa vertente, aborda o conceito de “não lugares”, onde locais deixam de possibilitar a leitura da identidade dos que os ocupam, suas relações e a história que compartilham. Para Mainieri, o real e o virtual se mostram imbricados dentro dessa conjuntura como se viu nas manifestações de 2013 no Brasil, onde a mobilização embrionada na esfera virtual terminou por se transferir para o espaço físico.

O processo de cidadania atual é ilustrado por Márcia Percin Tondato como condição fomentada majoritariamente pelo consumo consorciado às suas relações, sendo ele o principal diálogo do indivíduo-sujeito com a sociedade. Tondato utiliza em sua discussão uma pesquisa, realizada em Brasília, para compreender o que as pessoas entendiam por cidadania.

Ao detalhar seus resultados, chama atenção para uma grande desinformação a respeito dos direitos e deveres incluídos no exercício da cidadania e enfatiza o aspecto educacional como principal ferramenta de esclarecimento e envolvimento dos cidadãos, já que assegura uma ótica mais crítica em relação à mídia e também às interlocuções político-sociais.

Escrito por alunos do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/ECO/UFRJ), sob orientação da professora Raquel Paiva, o penúltimo capítulo do livro está direcionado para a questão da mobilidade urbana, apresenta as cidades atuais como desprovidas de equidade de condições socioeconômicas, posicionando os interesses mercadológicos e privados como sobrepostos em relação aos serviços públicos e todo aparato urbano que se dispõe nas cidades. Também são detalhados o crescimento das favelas, a violenta desapropriação de áreas e “expulsão” de pessoas de seus territórios, visando “higienizar” a cidade de sua população pobre e desfavorecida e afastá-las dos centros, garantindo a sensação de segurança para sua elite dominante. Ainda nesse capítulo, a sugestão do uso da bicicleta como alternativa ao caos do transporte público e da mobilidade volta ao vértice da discussão e retoma o que foi proposto nos capítulos anteriores pela professora Raquel Paiva.

O último capítulo, escrito por Ana Lúcia Nunes, conta as experiências de oficinas audiovisuais em Goiânia e em Buenos Aires, pincelando em partes na proposta anteriormente trabalhada por Coutinho e Mariana de que a cultura pode servir para posicionar a comunidade em suas percepções de cidadania, servindo como expressão comum e própria de determinado grupo de pessoas, que aguçam suas percepções de identidade e valorização comunitária pela prática de oficinas audiovisuais em torno de assuntos de interesse local, na transmissão do saber compartilhado (metodologia “mestre ignorante”) e com projeções dos *visionados*, em que ao se enxergarem na tela, se percebem relevantes e parte do coletivo.

Em síntese, a leitura desses capítulos provocará no leitor uma inquietação latente ligada à definição das cidades, tendo seu olhar induzido a uma percepção mais consciente e voltada para a realidade urbana, principalmente no que envolve as entradas das tecnologias digitais, o trabalho desempenhado pela mídia e a atuação dos grupos sociais. A reunião de olhares, provenientes de diversas cidades como Rio de Janeiro, Goiânia, Brasília, Lisboa, Paris, Buenos Aires e até mesmo Tóquio, confere ao livro ecletismo, enriquecendo as teorizações sobre os centros urbanos, seu desenvolvimento e realidade.

\* \* \*

PAIVA, R.; TUZZO, S. A. (Orgs.). *Comunidade, mídia e cidade*. Goiânia: UFG/FIC, 2014.